



**NOSSA RAINHA**  
Maria Mariá, 20 anos, aluna da ECO, estará à frente da bateria da Imperatriz neste Carnaval. Cria do Alemão e cotista, ela elogia as políticas de inclusão na UFRJ.

**Página 10**

## CONGELADAS HÁ DEZ ANOS, BOLSAS DA PÓS TERÃO 40% DE REAJUSTE

**Página 3**



# ANDES CAINDO NA REAL

> Mesmo com seus métodos arcaicos de discussão, o Congresso do Andes em Rio Branco (AC) registrou avanços consideráveis: decidiu pela desfiliação da restra central sindical Conlutas e terá quatro chapas na eleição de maio, fato inédito em sua história. **Páginas 6 a 9**









# Entre a força da Amazônia e as fragilidades da política

ANA BEATRIZ MAGNO  
anabiamagno@adufrrj.org.br

O Congresso do Andes manteve a tradição. Foram cinco dias de maratona política, com longos e variados debates teóricos e poucos encaminhamentos práticos. Realizado no belíssimo campus da Universidade Federal do Acre, o encontro reuniu 648 participantes, custou mais de R\$ 790 mil e discutiu 76 textos de resolução. Em matéria de decisões, os dados foram menos robustos. As principais medidas aprovadas foram a ruptura com a central sindical Conlutas, a realização de campanha pela revogação das intervenções nas reitorias, a inscrição de quatro chapas para a sucessão da diretoria do Andes e a reivindicação de 27% de reajuste salarial para a categoria. O Andes não obteve sucesso em negociações com o governo há mais de nove anos. O Congresso de Rio Branco decidiu que o sindicato nacional participe da Mesa de Negociação Permanente dos fóruns nacionais de servidores federais com o governo Lula, aberta no dia 7.

“Esse processo inicial é muito positivo porque passamos um bom tempo sem qualquer diálogo, sem qualquer processo de negociação. É fundamental que as categorias do Serviço Público permaneçam mobilizadas”, afirmou a professora Rivânia Moura, presidente do Andes.

Realizado no coração da Amazônia e acolhido por uma população valente que mistura a força indígena com a coragem de personagens como Chico Mendes, o congresso teve apresentações culturais, manifestações antirracistas, condenou o massacre dos ianomâms e aprovou ajuda financeira às aldeias castigadas pela fome, pelo garimpo e pelo descaso na gestão Bolsonaro.

“Conseguimos R\$ 200 mil do Congresso, com o apoio de todo o plenário. Não é só o dinheiro. É a visibilidade. Precisamos denunciar mais e mais o que está acontecendo na Amazônia”, resumiu Gisele Cardoso Costa, paulista que, há três anos, trocou a Paulicéia pela docência na Universidade Federal do Amazonas.

Apesar de ocupar pouco espaço na programação do congresso, o contato com a temática indígena encantou os participantes. Caso da professora Nedir do Espírito Santo, diretora da AdUFRJ e

docente do Instituto de Matemática da UFRJ. “O que achei mais interessante no congresso foi o contato com a realidade de outras associações de docentes do país, particularmente da luta dos professores da Amazônia em defesa dos ianomâms”, avaliou Nedir. “Mas, no geral, acho que a metodologia do congresso deixou a desejar”.

O método do congresso se resume a dois tipos de debate. Grupos de discussões nos primeiros dois dias e plenárias nos outros três. São 15 grupos, com uma média de 30 delegados, além de representantes da diretoria do sindicato nacional. As discussões são baseadas em textos de apoio e nos chamados TRs, textos de resolução, apresentados previamente pelos delegados. Os temas são amplos e o sistema de trabalho, bastante polêmico. Segundo o regimento do evento, todos os TRs com mais de 30% de aprovação em pelo menos um grupo são rediscutidos na plenária. O argumento dos organizadores é que isso democratiza a discussão.

A diretoria da AdUFRJ condena enfaticamente o método. “É pouco eficiente e exaustivo. Na primeira manhã, tínhamos que analisar dez TRs e só conseguimos avaliar dois”, lamentou o professor João

Torres, presidente da AdUFRJ. “É idiótico, no sentido de uma fuga do debate propriamente público, sobre aquilo que de fato está em jogo”, avaliou Mayra Goulart, vice-presidente da AdUFRJ. “É uma metodologia que, embora se reivindique como democrática, resulta em um afastamento das dinâmicas decisórias”, disse Mayra. “Acho um método bizantino, voltado para o próprio umbigo e pouco focado em melhorar a vida concreta dos docentes”, resumiu Torres. “Meu grupo, por exemplo, discutiu longamente a proposta de estatização de toda a educação brasileira. Isso é irreal, completamente”.

A diretoria do Andes alega que o método é definido pelo próprio congresso e defende que é a melhor forma de respeitar a base. “Nós discordamos. Acho que as discussões são cansativas e descoladas do potencial protagonismo que o Andes já teve no passado e que hoje precisa recuperar”, analisou Eleonora Ziller, ex-presidente da AdUFRJ, uma das últimas a sair da esvaziada plenária final, na madrugada de domingo para segunda, quando menos de 20% dos congressistas resistiam no auditório. “Que os ventos do Ceará, local do próximo Congresso, sejam melhores”, disse a professora.

## CONGRESSO DECIDE: ANDES SE DESFILIARÁ DA CSP-CONLUTAS

Por 262 a 127 votos, o Andes se desfilia da CSP-Conlutas. Professoras e professores de todo o país decidiram pela saída da central sindical no quinto e último dia do Congresso do An-

des, em Rio Branco, confirmando indicação feita no 14º Conad Extraordinário da entidade.

A diferença foi de 135 votos. Mais do que os votos favoráveis à permanência. Houve, ainda, sete abstenções. A diretoria da AdUFRJ votou pela desfiliação.

O sindicato estava filiado à CSP-Conlutas desde 2007.



## NÚMEROS DO 41º CONGRESSO DO ANDES

83 seções sindicais  
447 delegados  
150 observadores  
17 convidados  
34 diretores do Andes  
648 participantes



# Oposição critica ex-reitora e diretores da Adufrrj

Professores acusaram diretoria de prejudicar progressão docente e afirmaram que Denise Carvalho é privatista. Professor João Torres negou as acusações e lamentou a “lavagem de roupa suja”

ANA BEATRIZ MAGNO  
anabiamagno@adufrrj.org.br

As disputas políticas existem desde sempre no movimento docente na UFRJ, mas na última semana as desavenças internas ultrapassaram fronteiras e ocuparam os microfones do Congresso do Andes.

“A oposição quer lavar roupa suja em público. Fico com vergonha”, resumiu o professor Felipe Rosa, do Instituto de Física, ao ver os colegas travarem horas de discussão com temas internos da UFRJ, entre eles, a concessão do Canecão por 30 anos para a iniciativa privada. A principal atacada foi a ex-reitora da UFRJ e atual secretária de Educação Superior do MEC (SESu), professora Denise Pires de Carvalho.

“A gente está com um ministro da Economia que há dois anos fechou com a reitoria da UFRJ a aprovação da Ebserrh (Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares) no meio da pandemia”, discursou Cláudio Ribeiro, da Faculdade de Arquitetura da UFRJ, e um dos que mais atacaram a diretoria da AdUFRJ e a reitoria da universidade em sucessivos discursos em Rio Branco. “O Haddad mandou áudio para o governo Bolsonaro para aprovar a Ebserrh. A reitoria da época é a atual secretária



da SESu do MEC. Ela aprovou a privatização do Canecão da UFRJ”, completou o docente.

Outra docente da UFRJ que criticou severamente a reitoria foi Marinalva Oliveira. “A reitora conseguiu vender a UFRJ por meio da privatização do Canecão e agora quer desenvolver esse projeto para todo o país”, discursou no penúltimo dia do Congresso. “Sou enfática, mas respeito meus adversários. Não faço política com ódio”, resume Marinalva, militante incansável

da luta anticapacitista.

## PROGRESSÕES

Além do Canecão, outro tema local publicizado nos microfones do Congresso foi a questão das progressões docentes. A oposição da AdUFRJ fez várias intervenções afirmando que a diretoria contraria os interesses dos professores.

O professor João Torres, presidente da AdUFRJ, rebateu e informou que a diretoria está entrando na Justiça com ação

coletiva em defesa das progressões e contra a decisão do Conselho Universitário da UFRJ de autorizar os ganhos financeiros de cada progressão apenas depois da decisão da banca de avaliação. Os detalhes da ação judicial estão na matéria abaixo.

Na plenária do Congresso, parte da oposição da AdUFRJ votou contra o direito de resposta do professor João Torres, mas perdeu a votação e João se manifestou. “O que mais me impressionou foi votarem contra o



## ADUFRJ QUER REVOGAR NORMAS QUE LIMITAM PROGRESSÕES

A AdUFRJ tem feito todo o possível para preservar os direitos dos professores no desenvolvimento da carreira. Realizou reuniões com a reitoria e a Comissão Permanente de Pessoal Docente (CPPD) — que assessoria a administração superior no assunto —, preparou recursos ao Conselho Universitário e ajuizou ações individuais. No mais recente movimento, em dezembro, a diretoria ingressou na Justiça com uma ação coletiva para revogar as regras internas que limitam os ganhos das progressões e promoções.

A interpretação da assessoria jurídica do sindicato é que os

efeitos financeiros e acadêmicos das progressões e promoções devem retroagir ao momento em que o docente produziu com a quantidade e a qualidade estabelecidas nas normas internas em um tempo mínimo de 24 meses — o chamado interstício. Ou seja, uma situação que ocorre antes mesmo do requerimento para progressão. A avaliação posterior da banca apenas serve para reconhecer o fato já constituído. O princípio justificaria também as “progressões múltiplas”, quando o professor acumula mais de um interstício trabalhado.

A procuradoria da universi-

dade e o Consuni, no entanto, insistem em seguir uma interpretação restritiva da Advocacia Geral da União sobre a lei da carreira. A gota d’água foi a resolução nº 134 do Consuni, de novembro passado, que determinou a retroação dos efeitos financeiros e acadêmicos à data da avaliação — antes, pelo menos, eles valiam a partir da data do pedido do interessado.

Em resposta, no dia 15 de dezembro, a AdUFRJ ingressou com uma ação coletiva na 3ª Vara Federal do Rio. O caso está com a juíza Andrea de Araújo Peixoto, mas ainda não há previsão de data para o julga-

mento.

“O que motivou a ação foi uma falta de possibilidade de revogação administrativa das resoluções que restringiram os direitos. A AdUFRJ fez o pedido ao Consuni e à reitoria, reuniu-se com a CPPD, mas não houve nenhum tipo de avanço”, explica a advogada Ana Luísa Palmisciano, da assessoria jurídica do sindicato.

Na ação coletiva, além de cobrar a correta interpretação da lei da carreira na universidade, a AdUFRJ apresenta algumas sentenças favoráveis obtidas em ações individuais. “Enquanto tentávamos resolver adminis-

trativamente, ajuizamos ações individuais. Tivemos êxito em algumas, mas a universidade ainda pode recorrer”, informa Ana Luísa. Em paralelo à disputa judicial, a advogada espera que a troca de governo ajude a construir uma nova interpretação da legislação dentro da Advocacia Geral da União (e nas procuradorias das universidades, a ela vinculadas). “Como sempre afirmamos, não existe nada na lei com esta interpretação que está sendo dada. A mudança nesses pareceres da AGU pode facilitar a discussão na própria universidade”, avalia.



CHAPA 1



CHAPA 2



CHAPA 3



CHAPA 4

# Quatro chapas disputarão a eleição do sindicato

> É a primeira vez que mais de três candidaturas concorrem. Pleito será em 10 e 11 de maio. Há professores da UFRJ em três chapas. Todos os sindicalizados, da ativa e aposentados, podem votar

ANA BEATRIZ MAGNO  
anabiamagno@adufjrj.org.br

pela primeira vez em 41 anos de história do Andes, quatro chapas irão disputar a direção do sindicato nacional. Há professores da UFRJ em três das quatro chapas. As eleições serão nos dias 10 e 11 de maio.

Os candidatos se inscreveram no último dia do congresso e apresentaram os três nomes que compõem o triunvirato de cada grupo. O regimento exige que as chapas tenham 83 docentes. A nominata completa pode ser entregue até abril. Conheça um pouco das chapas e leia trechos dos manifestos das candidaturas.

## CHAPA 1

Apoiada pela diretoria, a Chapa 1 é encabeçada pelos professores Gustavo Sefarian (UFMG), Francieli Rebelatto (Unila) e Jennifer Webb Santos (Colégio de Aplicação da UFPA). O professor Luis Acosta (Serviço Social da UFRJ) integra a chapa.

**"ANDES PELA BASE, OUSADIA PARA SONHAR, CORAGEM PARA LUTAR"**

Consideramos que é central concentrar esforços para derrotar a extrema-direita... Também é crucial fortalecermos a unidade de nossa classe, pois o divisionismo no campo classista apenas fortalece o capital...

Queremos que nosso sindicato continue ativo no enfrentamento às contrarreformas, no combate aos ataques contra os serviços públicos e nas campanhas pela recuperação das perdas em nossos salários e nossa carreira. Também queremos que nosso sindicato permaneça atuando com independência de classe.

## CHAPA 2

O triunvirato que lidera a Chapa 2 é formado pelos professores André Guimarães (Unifap), Celeste dos Santos Pereira (UFPE) e Wilson do Vale Madeira (UFMA). A professora Marinalva Oliveira (Faculdade de Educação da UFRJ), ex-presidente do Andes, integra a chapa.

## "ANDES-SN CLASSISTA E DE LUTA"

É fundamental que o sindicato não esteja subordinado a qualquer órgão público ou privado e tenha autonomia com relação a administrações, governos, partidos e ou grupos políticos... O caráter classista

que queremos resgatar parte do reconhecimento e da denúncia da mais ampla opressão realizada sobre os trabalhador(as). Defendemos indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão... Defendemos a autonomia universitária como norma autoaplicada, a ampliação das ações afirmativas e a expansão dos investimentos na melhoria do ensino.

## CHAPA 3

A chapa 3, Renova Andes, é liderada pelos professores Antônio Pasquetti (UnB), Eleonora Ziller (UFRJ), ex-presidente da AdUFRJ, e Erika Suruagy (UFRPE). O Renova é o maior coletivo de oposição à atual direção do sindicato.

## "RENOVA ANDES: PARA LIDERAR UM RENASCIMENTO DA VIDA SINDICAL"

A Chapa Renova Andes se apresenta como oposição à direção que, há anos, está à frente do nosso sindicato... Queremos resgatar o caráter sindical do Andes, por meio de um enfoque prioritário na carreira e nos direitos previdenciários da categoria. O Andes precisa retomar as relações com as entidades do movimento da Educação, em particular sua presença no Fórum Nacional Popular da Educação, bem como com as associações

científicas que sempre foram parceiras históricas do movimento docente.

## CHAPA 4

A quarta chapa se apresenta como representante da Quarta Internacional e é encabeçada pelos professores Soraia Carvalho (UFPE), Raphael Góes Furtado (UFES) e Gisele Cardoso Costa (UFAM).

## "POR UM ANDES CLASSISTA E DE OPOSIÇÃO AO GOVERNO BURGUEZ DE LULA/ALCKMIN"

É um momento importante para a categoria avaliar os rumos de nosso sindicato. Diante da necessidade de enfrentar os ataques de Bolsonaro, em vez de a diretoria erguer a luta da categoria por seus direitos, partiu para o completo adesismo à então chapa (e agora governo) de Lula/Alckmin. O balanço nos leva a construir uma chapa comprometida com a defesa da educação pública, da autonomia universitária, dos salários e direitos da categoria docente; e que fortaleça a unidade de professores junto aos estudantes, técnico-administrativos e trabalhadores terceirizados; junto aos demais trabalhadores... que integram, com outros segmentos, a imensa maioria oprimida do país.



# Os Brasis que se encontraram no Acre

> Os cinco dias de Congresso no coração da Amazônia ofereceram muito mais do que debates políticos. Em corredores, bares e ruas, os congressistas testemunharam uma festa de diversidade



ANA BEATRIZ MAGNO  
anabiamagno@adufjrj.org.br

O Acre abriga 15 povos indígenas diferentes. Ao todo, são 24 mil pessoas em 34 reservas. Nos cinco dias de Congresso, a força dessa diversidade étnica contagiou os congressistas com apresentações culturais e mostras de arte na imensa praça montada em frente ao teatro da Universidade Federal do Acre, onde ocorreu o evento. "É uma honra apresentar nosso trabalho e nossa história aqui para tanta gente diferente", contou a Liliane Araújo Maia, 26 anos, estudante de História da UFAC, e orgulho-

sa integrante da etnia Puyanawa. "São cinco dias de barco até aqui", emendou Tume, artesão da etnia Hunikuin, uma das maiores do Acre, e que passou todo o congresso encantando o público com colares, pulseiras e histórias. Outro legítimo representante da força acriana que comoveu a plateia foi Angela Mendes, filha de Chico Mendes, líder seringueiro assassinado há 35 anos. "A floresta tem valor viva, e não morta. Meu pai acreditava que a educação era o maior instrumento de libertação", lembrou Angela. "Esse é um ano de renascimento", completou ela, na noite do quarto dia do Congresso do Andes.



## URNAS PARA NÃO-BINÁRIOS

Além de urnas destinadas a inscrições para falas de delegados e delegadas, o Congresso do Andes contou com uma urna reservada a inscrições de pessoas não-binárias.



## TROTSKI

Raphael Furtado, professor de Física da Federal do Espírito Santo, é um frequentador assíduo dos congressos do Andes e defensor de ideias consideradas radicais. Ele atua numa corrente chamada Aliança Revolucionária dos Trabalhadores e considera o governo de Lula um arranjo direito e burguês. Em Rio Branco, ele terminou seu último discurso com versos de Leon Trotski: "Olhar a realidade de frente; não procurar a linha de menor resistência; chamar as coisas pelo seu nome; dizer a verdade às massas, por mais amarga que seja; não temer obstáculos; ser rigoroso nas pequenas coisas como nas grandes coisas; ousar quando chegar a hora da ação; tais são as regras da IV Internacional. Ela mostrou que sabe ir contra a corrente. A próxima onda histórica conduzi-la-á a seu cume".



## OLHOS SENSÍVEIS

André Kaysel Velasco Cruz, professor de Ciência da Unicamp, deficiente visual, conseguiu participar de todos os debates, graças ao zelo de seu cão-guia Jed, às medidas inclusivas dos organizadores e à sensibilidade dos participantes — todos se autodescreveram no começo dos discursos. "Acho que houve um avanço importante na acessibilidade. A autodescrição é algo importante, ainda que as pessoas às vezes fossem pouco objetivas, informando adeções e fazendo gracinhas. A autodescrição tem que ser algo sintético e direto".



## EDUCAÇÃO

Elisa Guaraná, presidente da Associação de Docentes da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, é uma lutadora incansável pelo retorno do Andes ao Fórum Nacional Popular de Educação, um dos principais espaços do país de articulação das políticas públicas educacionais. No Congresso de Rio Branco, após horas de insistência na plenária final, a professora Elisa conseguiu que o Andes participasse do próximo evento do Fórum. "Mas só como ouvinte, o que já é um avanço", diz.



ENTREVISTA | MARIA MARIÁ, ESTUDANTE DA ECO E RAINHA DE BATERIA

# ‘VALE A PENA ESTAR NA UFRJ E OCUPAR ESSE ESPAÇO PELOS NOSSOS’

IGOR VIEIRA  
comunica@adufjrj.org.br

A UFRJ estará muito bem representada na Marquês de Sapucaí. Maria Mariá, aluna da Escola de Comunicação, é a rainha de bateria da Imperatriz Leopoldinense. Entre um ensaio e outro, a jovem falou ao **Jornal da AdUFRJ** sobre a rotina que concilia o curso na universidade com o carnaval. Moradora do Complexo do Alemão e cotista, a estudante elogiou as políticas afirmativas. “Vale a pena estar na UFRJ, e vale a pena ocupar esse espaço pelos nossos”, diz. Mariá, de 20 anos, teve dificuldades para assistir às aulas na pandemia, mas hoje transita entre a escola de samba e a Escola de Comunicação com o desembaraço e a simpatia de uma rainha. Confira a seguir.

## ● **Jornal da AdUFRJ: Quando você ingressou na UFRJ?**

■ **Maria Mariá:** Entrei em 2021.1 para Serviço Social. Depois fui para Comunicação Social, em 2021.2, e coloquei como primeira opção Rádio e TV e, em segundo lugar, Publicidade e Propaganda. Estou com uma expectativa a mil, esperando para ver como vai ser, porque estou no quarto semestre, exatamente na hora de escolher uma habilitação.

## ● **Como foi enfrentar o ensino remoto?**

■ Muito difícil. Eu estava entrando na faculdade. Havia vários obstáculos, incertezas. Além disso, existia uma doença que ninguém sabia como funcionava. As pessoas estavam falecendo aos montes. Eu pensava: “Estou aqui estudando, realizando meus sonhos, mas por que estou estudando? São milhares de pessoas morrendo”. Minha cabeça ficou uma loucura. Fora os contratemplos. Minha internet

caía frequentemente, no meio da aula, eu tinha medo de que os professores não acreditassem que caía tanto. Eu também não tinha um computador bom. Assisti a muitas aulas pelo celular. Por isso, tive muita dificuldade para fazer os trabalhos.

## ● **Agora o curso está em recesso, mas como foi conciliar os compromissos como rainha e os estudos, ano passado?**

■ O recesso nesse momento está sendo incrível. Quanto mais perto do carnaval, mais ensaios, onde temos que dar nosso melhor. Tudo se intensifica. Eu moro em Ramos, longe da Urca. São muitas coisas para fazer ao mesmo tempo. Tenho que conciliar ensaios com as aulas e meu estágio, tudo isso pegando transporte público.

## ● **Para você, ser estudante da UFRJ mostra a transformação do perfil do alunado da universidade nos últimos anos? Qual sua opinião sobre as cotas?**



■ Considero a Lei de Cotas muito importante. Fiz um trabalho de antropologia e linguagem visual sobre isso, falando que nós não nos sentimos pertencentes à UFRJ. Quando o cotista está ali, ele recebe muitos olhares tortos, é descredibilizado, e não consegue entender bem por que só tem ele e mais seis pessoas pretas na turma, que tentam ao máximo se enquadrar. Eu saio de Ramos para chegar à Praia Vermelha, na Urca, e já é muito demorado, imagina quem vem da Baixada? É um sacrifício para chegar. A logística não funciona, pegamos trânsito, transporte lotado, assaltos. Mas também acredito que a Lei de Cotas foi uma luta e conquista gigantesca, então temos que ocupar o espaço: pessoas pretas, indígenas, quilombolas.

Até agora eu só tive dois professores pretos. Acredito que não temos apenas que ocupar o espaço, mas também modificá-lo para que também seja bom para nós, até porque quem não quer estar ali? É uma escola de renome.

## ● **Fale um pouco da sua fantasia e sobre o desfile da Imperatriz.**

● A minha fantasia está belíssima, leve e confortável. O desfile será incrível. Será ótimo falar sobre Lampião, sobre o Nordeste alegre e diverso, plural em cultura, extensão e diversidade. O enredo é potente ao falar dessa região depois de um tempo tão difícil que passamos agora, após as eleições, com muita gente xenófoba querendo tirar a grandiosidade do Nordeste.